

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Thamires da Silva Morais

ALTERIDADE E INFINITO

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Dr. Pedro Calixto

Juiz de Fora
2016

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Thamires da Silva Morais**, acadêmica do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201372178A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado ALTERIDADE E INFINITO, desenvolvido durante o período de 07/01/2016 a 17/12/2016 sob a orientação de Pedro Calixto Ferreira Filho, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 17 de dezembro de 2016.

Thamires da Silva Morais

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

RESUMO

O presente texto tem por objetivo fazer uma análise da obra *Totalidade e Infinito*, de Emmanuel Levinas, com ênfase na categoria de “alteridade e infinito”. Estando a ideia do infinito, presente na Terceira Meditação Cartesiana, o qual Levinas estabelece em sua obra *Totalidade e Infinito*, tendo uma ruptura com a categoria da totalidade, e passando a desenvolver os traços fundamentais de seu pensamento sobre alteridade. Como problema geral de pesquisa, temos duas questões: a). Porque não se pode objetivar o Outro? b) Qual a possibilidade de pensarmos o Outro na sua “Alteridade” absoluta? Fazer uma análise geral análise concentrada nos autores Husserl e Heidegger. Para a discussão e conceituação de Levinas sobre Alteridade e infinito. Objetivado demonstrar o Outro, enquanto expressão do infinito, desse modo, possível de ser pensado enquanto uma alteridade absoluta.

PALAVRAS-CHAVE: Alteridade. Infinito. Ética. Totalidade

1 INTRODUÇÃO

Emmanuel Levinas (1906-1995) tem uma nova forma de pensamento sobre a subjetividade, ele a define em uma dimensão ética, passada pela ideia do infinito. Esse processo do pensamento filosófico de Levinas fica claro no seu livro *Totalidade e Infinito*, pois o autor procura demonstrar essa nova versão de subjetividade não como uma realização do sujeito de forma autônoma, mas na relação direta do eu com outro, com esse acolhimento temos a ideia do infinito, ou seja, a subjetividade pode ser entendida como o acolhimento do outro, a execução do infinito conglomeraria em um pensamento totalizador.

Podemos observar que o entre eu e o outro a um abismo, esse abismo é colocado por nós mesmo em nosso convívio social, pois habitamos em uma sociedade egoísta e capitalista. Nessa sociedade os valores morais, a Ética, e a responsabilidade pelo outro é algo que não é muito prezado, pois as pessoas estão preocupadas com seus próprios problemas e se esquecem do próximo. A preocupação com o social se limita apenas no individual, em crescimento próprio e individualista, o cuidado, o valor de um para com o outro o está praticamente em último lugar, pois um pensa somente em seus planos e ideais, não se implicando em como isso pode afetar os outros, podendo gerar até mortes em massas, miséria, fome e exploração. A partir daí vem o questionamento: será que o homem no meio de tanta precariedade e turbulência, chegara há uma consciência de que não está sozinho no mundo em que vive? O mundo exige uma responsabilidade com o outro? Partindo desses questionamentos vem a justificativa para o referido trabalho, é na busca da responsabilidade pelo outro, que o homem se torna próximo do outro, essa responsabilidade que é expressa no rosto, e no face a face da vida cotidiana é que nos dá o verdadeiro valor da Alteridade, valor este que é muito importante. E só quando passarmos a ver o outro com uma responsabilidade nossa, e sentirmos a importância do outro, e que nos tornaremos seres humanos melhores, pois precisamos enxergar a importância do outro em nossas vidas, isso nos torna infinito, essa relação com o outro é algo infinito, sendo assim podemos dizer que os pensamentos apresentados por Levinas pode ser utilizados como uma ponte para uma aproximação subjetiva do eu com o outro na sociedade, pois o eu vai em direção ao outro, partindo dessas ideias veio o interesse no tema que foram abordados por Levinas.

Os estudos feitos sobre o filósofo Levinas mostram que o Outro enquanto expressão do infinito, não pode ser consumido, como um pão, por exemplo, mas pode ser pensado como uma alteridade absoluta.

A Ética pode ser considerada como um reconhecimento do rosto do outro, e a partir desse que ponto o outro se sente responsável. A Alteridade é o reconhecimento de que o homem é interdependente do outro; ideia do Infinito é uma relação entre o Eu e o Outro que não pode ser no domínio do Eu. Para viabilizar isso, propomos como caminho a elaboração de cinco capítulos, no qual será discutida a relação de Levinas e Martin Heidegger. Para Heidegger, a relação do ser com outrem seria uma relação subordinada ao ser em geral e nada interfere no surgimento do eu, mas para Levinas o Eu não se deve ao Ser, mas ao Outro. Será abordado também a ideia de morte para Heidegger, pois para ele a morte do

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail:thatamorais1@hotmail.com Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Prof. Dr. Pedro Calixto

outro não nos afeta, mas se formos olhar essa ideia através dos pensamentos de Levinas, podemos discordar, pois se eu sou responsável pelo outro a morte dele me afetará.

Será exposta a relação de Levinas com as ideias de Descartes e Husserl de quem ele teve a influência na fenomenologia, expõe ainda nesse capítulo a ideia *do Conatusessendi* de Spinoza.

A “Ética como Filosofia Primeira”, fazendo uma discussão e conceituando a ética da responsabilidade para Levinas.

Será abordada a ideia do infinito, Levinas deixa claro em seus textos filosóficos que a ideia é extraída de Descartes na sua terceira meditação cartesiana. As categorias da Alteridade possibilitam e fundamentam a ética de Levinas. Será exposto o modo pelo qual se dá ou se constrói no ser, a abertura do sujeito frente à exterioridade, através de uma análise de categorias como Rosto e Exterioridade. Será abordado também a ideia do ‘Eu e Outro’, pois há uma separação do eu e do outro, não se pode conhecer o outro a partir dos meus conhecimentos, é preciso de algo muito além, e é partindo dessa ideia que chegamos ao conhecimento de alteridade e infinito e chegamos à ética proposta por Levinas.

2 AUTORES IMPORTANTES PARA O ENTENDIMENTO DO TEMA

2.1 HUSSERL

Levinas foi o tradutor de Edmund Husserl e foi influenciado pela fenomenologia que é composta por dois componentes: o fenômeno e logos. Fenômeno seria o que se mostra em si mesmo e logos seria sobre revelar do que se trata o discurso. A fenomenologia seria então uma junção desses dois componentes.

Husserl trata do ego de forma diferente da de Descartes, ele trata do ego transcendental. A subjetividade transcendental, para falar sobre isso ele trata a fenomenologia como filosofia primeira, universal, o eu transcendental quando vai ao encontro da realidade objetiva, ele encontra o outro eu, esse outro estaria ali para ele. A subjetividade se relaciona com a objetividade, ou seja, o sujeito se relaciona com o objeto.

“Quando eu, o eu que medita me reduz pela epoché fenomenológica ao meu ego transcendental absoluto, não me torno por isso mesmo solus ipse e não permaneço assim à medida que, sob o rótulo da fenomenologia, efetuo uma explicação de mim? [...] Mas o que acontece então com os outros eus” (HUSSERL 104-105 apud FILHO, p 58)

O ser objetivado encontra no eu transcendental o superego, Husserl dá sentido a outro dando sempre sentido ao eu, pois primeiro damos sentido ao nosso eu para depois darmos sentido ao outro e ao mundo em nossa volta.

“Em certa medida, a referência fenomenológica ao outro sempre parte tomando como pressuposto as referências ao eu, ao ponto de torná-lo outro que eu. Portanto, seguindo a ordem da explicitação husserliana, encontraremos a afirmação do primado da subjetividade transcendental como o substrato último de toda fonte de sentido. Por essa razão, a percepção do eu, dos conteúdos e das estruturas que lhe pertencem, é o princípio para a compreensão de todo o sentido que possa ter o mundo objetivo. Somente na reflexão do eu transcendental encontramos a possibilidade de uma reflexão acerca do sentido do alter ego, sempre em sua referência ao sujeito.” (FILHO, p. 59)

Levinas entende fenomenologia como uma “cuidadosa investigação e explicação do sentido que vivenciamos ao lidar com a realidade’ mas, para ele, isso tem certas limitações por não poderem ser usadas em todas as experiências, e ainda levanta algumas críticas acerca da ideia da supremacia da “teoria da representação, à negação da preexistência da consciência e a consequente identificação, onde pensar e ser, pois a ética de Levinas é transcendente, e, a de Husserl tange à fenomenologia e a redução que excluem o caráter de transcendência do objeto.

Para Husserl não existe um princípio de força transcendente e superior que domine o pensamento, que já para Levinas se constitui uma diferença bruta a Filosofia, o rosto do objeto seria um exemplo de consciência pura.

2.2 HEIDEGGER

Para Martin Heidegger a relação do ser com outrem seria subordinada ao ser em geral e não interfere no eu, mas para Levinas o Eu não deve ao Ser, mas ao outro, nesse caso, devemos investigar inicialmente o que diz Heidegger sobre esse assunto.

Em seu livro "Ser e tempo" Heidegger fala sobre a questão do ser um conceito universal, indefinível e é evidente por si mesmo, então passamos por todo um caminho para uma conceituação do que seria ser. Um ser não é um ente, pois seu conceito não é extraído de algo superior, nem mesmo inferior, ele fala da estrutura formal do ser, do primado ontológico e ôntico da questão do ser. Na questão sobre o sentido do ser, o ente é o primeiro a ser interrogado, pois tem o caráter da presença. Na parte I do seu livro Heidegger fala sobre a questão do ser e a presença.

"A inteligência do ente consiste então em ir para além do ente – precisamente no aberto – e em percebê-lo no horizonte do ser. Equivale a dizer que a compreensão, em Heidegger, logra alcançar a grande tradição da filosofia ocidental: compreender o ser particular já é colocar-se além do particular – compreender é relacionar-se ao particular, único a existir, pelo conhecimento que é sempre conhecimento do universal." (LÉVINAS, 1997b, p. 26).

Para Heidegger mesmo sem termos a real compreensão do que seria ser, ela é fundamental para o homem, pois seria uma manifestação da essência da existência humana. A questão do ser nos revela que tudo aquilo que queremos compreender, questionamos, sendo assim quando questionamos o significado de ser, apenas questionamos o que seria o verdadeiro sentido do ser.

Heidegger faz uma correlação entre o ser e a essência do homem, e isso determinam o ente, o "dasein" (termo utilizado por ele), pois é no ente "dasein" que se dá sentido do ser, ou seja, para solucionar a questão do ser, tornamos transparente o ente e se questiona o seu ser. O "dasein" compreende seu ser, ele se comporta como seu ser, mas é sempre uma possibilidade, "dasein" seria um ente determinado em seu ser pela existência, tendo um primado ôntico. Ele por si mesmo é ontológico.

Na filosofia de Heidegger encontramos claramente uma ontologia, um ente que possui um primado ôntico, para o autor o homem está apenas a ser si mesmo, ele se posiciona conforme sua necessidade.

"Levinas indigita em Ser e Tempo a negação da realidade própria do ente quando considerado a luz do Ser. Para ele "dizer que o ente se desvela na abertura do ser e dizer que nunca estamos com o ente como tal, diretamente." "O ente como tal nada mostra além de si mesmo; não transluz, e opaco. Dizer que ele se mostra a medida em que, nele, o Ser se desvela - e se vela -, e não inclinar-se a ele, por considerá-lo estrito a ele mesmo. E negar-se a ser atingido, em cheio pelo estupor de sua diferença;" (SANTOS, 2003, p. 224)

Para Levinas a ética é a filosofia primeira e não a ontologia, esta tem sua importância na metafísica, mas não seria o de filosofia primeira.

Segundo Heidegger a morte do outro não me afeta, mas se formos entrar nessa discussão usando os pensamentos de Levinas vamos discordar dessa afirmativa de Heidegger, pois se somos responsáveis pelo outro, se temos relação infinita com o outro a sua morte nos afetaria de certo modo.

A temporariedade pode ser revelada pela morte, que é algo inevitável e com tempo será alcançada. Para ele se totaliza a existência quando fazemos uma analogia da morte do outro para se aplicar a nossa própria morte.

Heidegger fala para compreendermos a totalidade de sua existência, seria considerar a morte como algo definido, mas com uma certeza indefinida, porém possível acontecer a cada instante, pois cada momento o ser é afetado pela morte.

Para Heidegger a morte é totalmente individualizada, essa afirmativa entra em discordância com os pensamentos de Levinas, pois ela atinge não só o indivíduo, mas também o outro. Para ele o ser como morto não faz a experiência, uma ideia também discutível já que o ser faz experiência com o morto, pois o eu aprende com a morte do outro e de certa forma é atingido. Ele fala também da impossibilidade de experimentar a morte do outro, mas essa experiência não se dá só com a morte, mas da forma como que aquela morte nos afetou.

"Em sua maior parte, as críticas dirigidas a Heidegger, por Levinas, que aqui exporemos, foram, por nós, colhidas em Totalidade e Infinito. Elas se referem, quase unanimemente, a trama conceitual de Ser e Tempo -livro no qual o pensador alemão, tendo como escopo principal o questionamento do sentido do Ser, assume, como tarefa previa, a descrição fenomenológica relativa ao ente que nos mesmos somos, por ele designado *Dasein* ("Ser-aí"). Em sua meditação sobre a condição humana, Heidegger descobre o *Dasein*, como ser-para-

a-morte e aponta, como sentido maior de sua existência, a aceitação da própria finitude - sem contornos -, o abandono a angústia de separar-se do qual resulte um projetar-se em demanda da conquista do ser-proprio. Existência como autenticidade, glória da mortalidade, heroísmo.”(SANTOS, 2003, p 220).

2.3 DESCARTES

Na obra *Totalidade e Infinito*, Levinas deixa claro que extraiu de Descartes a ideia do infinito, em especial de sua terceira meditação. Para entendermos melhor essa ideia do Infinito feita por Levinas, teremos que passar pelos pensamentos de Descartes sobre esse assunto.

“E não devo crer que não percebo o infinito por uma verdadeira idéia, mas somente por uma negação do infinito[...] ao contrário entendo de modo manifesto que há mais realidade na substância infinita do que na finita e, por conseguinte, que a percepção do infinito é, de certo modo, em mim, anterior a percepção do finito, isto é, que a percepção de Deus é anterior à percepção de mim mesmo, pois qual a razão por que me daria conta de que duvido, desejo, isto é, que sou indigente de algo e de que não sou totalmente perfeito, se não houvesse em mim nenhuma ideia de um ente mais perfeito por comparação com o qual conheço meus defeitos?” (Descartes, 2004, p. 91-92 apud MIRANDA, p. 3)

Descartes na terceira meditação tenta demonstrar uma existência grandiosa, algo com uma essência infinita e perfeita, essa existência é caracterizada por Deus, que para Descartes seria essa existência infinita e perfeita. Para ele assim como para Levinas o infinito não vem de uma negação do finito, e que a percepção do infinito é anterior a do finito, ou seja, ao percebermos Deus anterior a nós mesmo. A ideia do infinito para Descartes não é provinda do *cogito*, pois somos imperfeitos e finitos, mas somos providos de algo que é perfeito e infinito e o autor deixa claro que essa substância infinita pode ser entendida pelo nome Deus.

“Todas essas coisas infinitas e perfeitas podem vim de mim, mas Deus existe necessariamente” essa são palavras de Descartes.

Levinas tira essa ideia do infinito, mas sua visão sobre essa ideia é um pouco diferente, pois ele não fala de Deus como essa ideia de infinito e sim na relação do eu e o outro para além da totalidade: nessa relação o outro não vai ser consumido pelo mesmo.

“A idéia do infinito não se reduz à negação do imperfeito. A negatividade é incapaz de transcendência. Esta designa uma relação com uma realidade infinitamente distante da minha, sem que esta distância destrua por isso esta relação e sem que esta relação destrua esta distância, como aconteceria para as relações dentro do Mesmo; sem que esta relação se torne uma implantação no Outro e confusão com ele, sem que a relação prejudique a própria identidade do Mesmo, a sua ipseidade, sem que ela silencie a apologia, sem que tal relação se torne apostasia e êxtase” (Levinas, TI, p. 29).

Levinas deixa claro que a ideia do infinito foi retirada de Descartes, mas não é tão difícil vermos que o seu pensamento em relação ao infinito é diferente, essa diferença será exposta com mais clareza nos próximos capítulos.

2.4 SPINOZA

Levinas não fez uma análise detalhada sobre Spinoza, mas faz algumas críticas, ele interpreta o *conatus essendi* como o “ter-que-ser”, que para ele significa “esforço de ser”. Cada coisa procura a perseverar no seu ser, nada além de sua essência dada. Levinas não concorda com a ética desenvolvida por Spinoza.

“O conceito de *conatus* é explicitado por Spinoza, como um princípio dinâmico balizado apenas pela causalidade eficiente, que determina as modificações dos atributos da substância, a partir da Ética” (LEME. P. 117)

Conatus é um conceito muito importante para ética de Spinoza, e um termo em latim que significa “esforço”, *conatus* é a essência atual de um ser, não somos seres infinitos mas agimos para preservar nosso ser, pois o ser é algo que pode ser afetado. Quando estamos em si, a todo tempo nos esforçamos para preservar nosso ser.

Algo importante sobre o *conatus*, pois não temos o *conatus*, somos ele, tudo que somos vem da realização de um esforço, que permanece enquanto pode, pois somos o *conatus* porque no nosso dia a dia estamos nos esforçando para sermos algo.

Mente e corpo conectado seria como expressão de *conatus*, que poderia ser interpretado como algo parecido com desejo. O *conatus* é um esforço de se afastar da tristeza e buscar a liberdade, somos afetados de uma maneira e nós reagimos de forma diferente e isso vai se adequar com a essência. O *conatus* se adequaria de acordo com cada indivíduo, pois cada indivíduo tem um modo de reação diferente e um esforço diferente. O *conatus* seria uma maneira de preenchimento do desejo do homem, sendo com alegria ou tristeza.

O *conatus* então seria o poder do indivíduo sobre ele mesmo, a capacidade de afetar e ser afetado. A partir desse pensamento vemos a responsabilidade de Levinas aparecer com uma ideia, pois quando temos a capacidade de afetar e quando somos afetados nos remete a uma responsabilidade pelo outro, pois a atitude do eu pode afetar o outro, mas cada um é o *conatus*, então estamos em um constante esforço para o preenchimento de algo. Mas se essa coisa pode afetar o outro, ou seja, quando pensamos em um indivíduo como o *conatus* pensamos em um indivíduo com seus próprios desejos a serem preenchidos, sendo assim quando pensamos somente no eu, não nos preocupamos em sermos responsáveis pelo outro.

Spinoza nos mostra o esforço para o reconhecimento da afetividade pelo outro como realização de uma vida plena. Um pressuposto ontológico do pensamento de Spinoza nos remete a centralidade do *conatus* e a importância da ciência da afetividade.

O *conatus* então seria um esforço humano para sua própria preservação, esse pensamento é finito, pois existe somente quando vemos a importância do ser.

“No spinozismo, saem de cena os valores transcendentais que pairavam sobre a consciência pecadora dos homens como a sombra aterrorizante de um Deus antropomórfico, e vêm à luz uma relação imanente de duração indefinida¹⁷ entre o homem e o mundo na qual a potência do *conatus* pode incrementar-se ou diminuir e até mesmo extinguir-se.” (LEME, p 123)

3 ÉTICA PARA LEVINAS

A ética é o terceiro estágio de desenvolvimento intelectual segundo Levinas, período ético que sua proposta filosófica consiste em uma tentativa de reconstrução da noção de subjetividade humana, que emerge uma concepção particular de ética e que nos possibilita o permanente reconhecimento do outro.

O contexto filosófico propõe ser a ética um estudo fundamentado dos valores morais, que disciplinam o comportamento humano em sociedade e sua origem etimológica vem do grego “ethos”, significando “modo de ser” ou “caráter”, enquanto a origem etimológica da palavra moral tem origem no termo latino “Morales” significando uma relatividade aos costumes “²”.

Ética e moral em suas semelhanças mostram a responsabilidade na construção das bases que vão guiar a conduta do homem, determinando seu caráter altruísmo e virtude além de direcionar a forma de agir e de se comportar em sociedade.

O “eu” depende do “outro” para sua existência, a alteridade sugere que um indivíduo se coloque no lugar do outro. Segundo Levinas a relação com o outro não é um ato de conhecimento, mas uma relação que se situa num plano epistemológico, uma ética da abertura ao outro, em sua alteridade.

Husserl e Heidegger são dois filósofos que participaram da história filosófica de Levinas, pois este tomou como ponto de partida para seus estudos a fenomenologia husserliana, que foi utilizada também por Heidegger de uma forma diferente.

Levinas fez algumas críticas sobre o modo de pensar desses filósofos, colocando a Ética como filosofia primeira. Para ele a fenomenologia é como uma explicação de lidar com a realidade, mas isso tem certas limitações por não poderem ser usadas em todas as experiências. A ética de Levinas é transcendente, e a de Husserl se relaciona à fenomenologia, que podemos dizer que é composta por dois componentes: o fenômeno e logos. Fenômeno seria o que se mostra em si mesmo e logos seria sobre revelar do que se trata o discurso; a fenomenologia seria então uma junção desses dois componentes.

Husserl trata do ego de forma diferente da de Descartes, ele trata do ego transcendental. Já Heidegger faz a distinção entre o ôntico e o ontológico, que para Levinas é um grande problema. Ele procura fazer uma separação dos pensamentos filosóficos de Heidegger, mas Levinas reconhece seu valor, acredita que para termos um mundo melhor bastaria solucionar uma simples questão, colocando a

²Significado de Ética e Moral. Disponível em: <http://www.significados.com.br/etica-e-moral/>>acesso em: 01 de Jul, 2016.

ética no lugar da ontologia, pois a ética é a principal condição do homem e foi ofuscada pela busca de poder do homem.

A ética de Levinas nos mostra que deveríamos nos colocarmos na condição do outro, mas deveria ser feita sem esperarmos nada em troca do outro, temos de aceitar que para mim é o Outro pelo qual eu sou quem eu sou.

"O Outro metafísico é outro de uma alteridade que não é formal, de uma alteridade que não é um simples inverso da identidade, nem de uma alteridade feita de resistência ao Mesmo, mas de uma alteridade anterior a toda a iniciativa, a todo o imperialismo do Mesmo; outro de uma alteridade que não limita o Mesmo, porque nesse caso o Outro não seria rigorosamente Outro: pela comunidade da fronteira, seria, dentro do sistema, ainda o Mesmo. O absolutamente Outro é Outrem; não faz número comigo. A coletividade em que eu digo 'tu' ou 'nós' não é um plural de 'eu'. Eu, tu, não são indivíduos de um conceito comum."(LEVINAS, TI, p 26)

A ética de Levinas tem uma ligação com a noção de humanidade, com a responsabilidade pelo outro, isso significa ser para o outro e ver o que o rosto do outro tem para dizer. No momento que o outro olha para mim, passo ser responsável por ele, mesmo que eu negue essa responsabilidade, ela está em mim. No entanto, a relação com o outro é manifestada através da proximidade, responsabilidade, mas essa proximidade é questionável no sentido de que o outro está próximo e distante ao mesmo tempo, mas mesmo longe ele me afeta e eu me importo, sou responsável por ele.

A ética não aparece aqui como suplemento de uma base existencial prévia; é na ética entendida como responsabilidade que se funda o próprio núcleo do subjetivo [...]; a responsabilidade não é um simples atributo da subjetividade, como se esta já existisse nela mesma, antes da relação ética. A subjetividade não é um para si; ela é, ainda uma vez, inicialmente para um outro (LEVINAS, 1997, p.1 apud JUNIOR, 2008, p. 4)

De acordo com Levinas, o ponto de partida do pensamento ético é o reconhecimento, porque através do outro eu me vejo através do rosto, esse rosto me ordena: "Não matarás", ou seja, você sempre se importará com o outro.

Para Levinas a ética é influenciada pelo reconhecimento do outro, sua grande proposta pode ser considerada a contribuição na concepção de que o rosto do outro é o meu próprio reconhecimento, e é uma dimensão de responsabilidade quando o caráter pessoal encontra a coletividade. Essa dimensão, portanto, significa que o reconhecimento do "eu" é o reconhecimento de toda humanidade que existe nele, com a humanidade que ele reconhece no "outro".

4 A IDEIA DO INFINITO

Como já foi descrito no referido trabalho a ideia do infinito foi extraída de Descartes, quando falamos do infinito podemos dizer que o infinito não é a negação do finito, mas o infinito no finito se produz como desejo, mas que vem como um desejo insaciável. A ideia do infinito não está na subjetividade de algo soberano ou superior, mas está no outro. O infinito é algo que não tem limite, indefinido, porém a ideia do infinito vai muito além do conceito, o infinito é o outro, ou seja, a ideia do infinito não pode ser conceituada, a ideia do infinito não significa, desse modo, ter uma representação do infinito ou defini-lo conceitualmente. A ideia do infinito não vem de dentro, mas de fora, vem de uma exterioridade que não é concebida pelo cogito.

"A ideia do infinito não se reduz à negação do imperfeito. A negatividade é incapaz de transcendência. Esta designa uma relação com uma realidade infinitamente distante da minha, sem que esta distância destrua por isso esta relação e sem que esta relação destrua esta distância, como aconteceria para as relações dentro do Mesmo; sem que esta relação se torne uma implantação no Outro e confusão com ele, sem que a relação prejudique a própria identidade do Mesmo, a sua ipseidade, sem que ela silencie a apologia, sem que tal relação se torne apostasia e êxtase." (Levinas, TI, p. 29 apud MIRANDA, p. 7).

A ideia do infinito seria algo que poderia romper a totalidade, Levinas nos faz pensar no outro de forma subjetiva, pois quando pensamos no outro, não se deve pensar de forma superficial, mas temos que pensar nele e acolhe-lo.

No seu livro Levinas mostra essa relação estreita do eu com o outro na questão da alteridade. A ideia do infinito rompe com a totalidade, pois a totalidade nos remete ao eu todo, englobando num mesmo conceito o eu e o outro. Este autor não quer englobá-los numa mesma concepção, por isso o infinito, pois

nessa relação tem uma distância infinita. Nesse modo vemos o outro a partir da ideia do infinito, vemos ele como uma exterioridade, vemos ele como uma alteridade fora do nosso domínio.

5 ALTERIDADE

“ [...] a alteridade assim como o infinito, ou melhor a alteridade como infinito, é um desafio para racionalidade que se fecha em si mesma, isto é, uma racionalidade que se instaura como horizonte último e derradeiro do pensar. ” (CALIXTO, p. 2)

A alteridade pressupõe que exista “outro”, e isso nos mostra que a dimensão de totalidade e infinito, e que a dimensão de totalidade do “eu” individual ocorre pela manifestação da ação do “mesmo” com relação ao “outro”, sendo assim seria bem provável que a humanidade viveria em melhores condições se reconhecesse a relação de alteridade com o “outro”. A alteridade pode ser caracterizada pela interação e interdependência do outro, ela é a natureza ou a condição do que é o outro e através dessa concepção surge o infinito, porque quando olhamos para o rosto do outro o que vemos é algo infinito e não tem como ver tudo, e sempre que vemos temos algo diferente.

“A alteridade é a dimensão que perfaz o ser do sujeito, transcende a sua vontade sem tornar-se uma categoria transcendental. Ela existe como abertura histórica que se realiza na relação com o outro, contudo é uma dimensão metafísica da existência humana. A alteridade se impõe como condição do ser. Ela sempre se realiza como relação com o outro. A alteridade é sempre uma abertura para o outro, por isso é sempre relação ética. ” (LEVINAS, Ti p.135)

O rosto do objeto seria um exemplo de consciência pura, o rosto seria um anúncio uma expressão, mas a verdadeira relação com o rosto seria o acolhimento.

O sujeito é reconhecido como responsável, sendo assim o rosto antecede o ser, o que é não muito difícil notar, pois no rosto temos infinitas expressões, e o rosto antecede o ser, pois o primeiro contato é com rosto, e ele é uma expressão do infinito manifestado do Eu chamando para uma responsabilidade.

Temos no rosto do outro uma alteridade que não é consumível e que excede o domínio do mesmo. Podemos dizer que é no rosto que presenciamos a alteridade como ética.

O reconhecimento do rosto torna o eu servidor do outro, temos um desejo que pode ser alimentado nas relações concretas como rosto, mas não pode ser consumido como o pão, seria um desejo metafísico.

6 CONCLUSÃO

Pensando assim, a ética deixa de ser um conjunto de princípios morais para se tornar um encontro cotidiano; eu e o outro, face a face. Portanto, de uma ética exige-se antes dialogo, exige um encontro, um relacionamento, pois quando estamos frente ao outro tem que haver alguma reação, se nada fizermos, não há encontro, nem mesmo um relacionamento ético. Mas a relação estabelecida entre o eu e o outro, não é dada em termos de reciprocidade. Nessa relação o “eu” é distante, pois ele não revela tudo, o outro nos apresenta o infinito.

O homem vive em uma sociedade egoísta e capitalista, onde perde suas virtudes a fim de lucro e crescimento pessoal. O valor da dignidade humana se esvaiu, e a preocupação com o social se limita apenas no individual, em crescimento próprio e individualista. O valor do humano para com o outro está praticamente em último lugar, pois um pensa somente em seus planos e ideais, muitos não se importando em como isso pode afetar os outros, podendo gerar até mortes em massas, miséria, fome e exploração. A partir daí vem o questionamento: será que o homem no meio de tanta precariedade e turbulência, chegara há uma consciência de que não está sozinho no mundo em que vive? E que este mundo exige uma responsabilidade com o outro? Esses questionamentos no momento atual de nossa sociedade ficam em aberto.

Na busca da responsabilidade pelo outro, que o homem se torna próximo do outro. Pois essa responsabilidade que é expressa no rosto, e no face –a- face da vida cotidiana é que nos dá o verdadeiro valor da Alteridade, valor este que é muito importante.

Da alteridade, vemos um ser humano aberto para o outro, pois necessita da sua atenção. A dimensão da Alteridade dado por Lévinas, provoca no homem uma mudança interior, aspirando uma sociedade melhor. Sendo assim o valor que nos é expresso na convivência do verdadeiro humanismo,

na responsabilidade com o outro, que apelada pelo o rosto do outro é a Alteridade, que seria um caminho para uma contemporaneidade menos egoísta.

Nota-se que a partir do pensamento de Levinas pode – se vislumbrar caminhos para a uma sociedade menos egocêntrica, nos fazendo entender a necessidade do outro, pois precisamos dele.

Porém ao analisarmos a sociedade atual não é difícil vermos a ausência dessa ética proposta por Levinas, pois o “eu” se tornou o centro de tudo, não dando espaço ao outro, pois todos estão preocupados com o seus próprios problemas e esquecem que precisam do outro, vemos que na relação atual o outro é visto como inimigo, não como alguém que devemos ser responsáveis.

Ética para Levinas possui uma dimensão no reconhecimento com o outro, sua grande proposta no seu pensamento contemporâneo, pode ser considerada a contribuição na concepção de que o rosto do outro é o meu próprio reconhecimento, é uma dimensão de responsabilidade quando no caráter pessoal ele encontra a coletividade e essa dimensão então significa que o reconhecimento do “eu” é o reconhecimento de toda humanidade que existe nele, com a humanidade que ele o reconhece no “outro”.

Sendo assim podemos concluir o trabalho ressaltando a importância da Ética de Levinas no mundo contemporâneo. Pois o homem no seu egoísmo não percebe o outro, mas como foi falado anteriormente é precisa-se do outro, pois seria um perigo para sociedade se o “eu” vivesse em prol dele mesmo, pois as outras pessoas para ele seria apenas um objeto.

REFERENCIAS

CALIXTO, Pedro. **Infinito, ética e alteridade**: levinas.

CINTRA, Benedito Eliseu Leite. **Emmanuel Levinas e a idéia do infinito**. In: REVISTA MARGEM. São Paulo, nº 16, dezembro, 2002, p.107-117.

COSTA, Juliano. **A concepção de alteridade em Levinas: Caminhos para uma Formação mais Humana no Mundo Contemporâneo**. Disponível em:

<http://www.periodicos.unir.br/index.php/igarape/article/viewFile/861/865>> acesso em: 15 de outubro de 2016.

DESCARTES, René. **Meditações sobre a filosofia primeira**. Tradução Fausto Castilho. São Paulo-Campinas, Editora da UNICAMP, 2004.

FILHO, José. **O outro, quem é ele? Considerações em torno da fenomenologia de Husserl, Heidegger e Levinas**. Disponível em:

<https://www2.ufrb.edu.br/griot/component/phocadownload/category/2-vol-01-n-01-julho-2010?download=6:o-outro-quem-e-ele-consideracoes-em-torno-da-fenomenologia-de-husserl-heidegger-e-levinas>. f> acesso em: 20 de novembro de 2016.

GOMES, Carla Silene C. L. B. **Lévinas e o outro: a ética da alteridade como fundamento da justiça**. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/teste/arqs/cp113166.pdf> Acesso em: 10 de julho de 2016.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. 3ª Ed. Petrópolis RJ:Vozes, 1989.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Vol. 2. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. 5ª Ed. Petrópolis RJ: Vozes, 1997.

LEME, Andre. **Spinoza: o conatus e a liberdade humana**. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/epinosanos/article/viewFile/81262/84907>> acesso em: 25 de agosto de 2016.

LEVINAS, Emmanuel. **Ética e infinito**. Tradução José Pinto Ribeiro, Lisboa- Portugal, Edições 70, 1982.

LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. (TI). (1961). Tradução José Pinto Ribeiro, Lisboa- Portugal, Edições 70, 1988.

MIRANDA, Jose. **Infinito e Alteridade em Levinas**. Disponível em: <http://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2015/06/Infinito-e-Alteridade-em-Levinas.pdf> > acesso em: 28 de novembro de 2016.

PELIZZOLI, Marcelo Luiz. **A relação ao outro em Husserl e Levinas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994

RODRIGUES. Tiengue Veira .**A CATEGORIA DA ALTERIDADE: UMA ANÁLISE DA OBRA**

TOTALIDADE E INFINITO, DE EMMANUEL LEVINAS. Disponível em:

>http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=906 > acesso em 16 de dezembro de 2015